

**Eu sou o outro: uma busca por alteridade na reportagem "Ave Maria" e a compreensão acerca da violência doméstica**

*I am the other: a quest for otherness in the article "Ave Maria" and the understanding about domestic violence*

Ana Daniella Fechine LEITE<sup>1</sup>  
Margarete Almeida NEPOMUCENO<sup>2</sup>

**Resumo**

O presente trabalho tem como objetivo identificar os níveis de alteridade presentes na produção "Ave Maria", da jornalista Fabiana Moraes, e avaliar as questões de gênero que propiciam uma narrativa de maior afetação e com interação direta entre personagem e leitor. Na grande-reportagem, o machismo e o patriarcado ganham espaço principal em uma narrativa sobre violência doméstica e feminicídio, propiciando um texto de alteridade. Através da análise de discurso da produção, o artigo se fundamenta no conceito sociológico de alteridade, estruturado por Certeau (2002) e incorporado ao jornalismo por Resende (2002), por meio da pedagogia dos afetos (MEDINA, 2006) e da relação entre os sujeitos Eu e Tu, apresentada em Buber (1979).

**Palavras-chaves:** Alteridade. Jornalismo. Subjetividade. Afetos. Violência doméstica.

**Abstract**

The present work aims to identify the levels of alteration present in the production "Ave Maria", the journalist Fabiana Moraes, and evaluate as gender issues that provide a narrative of greater affectation and direct interaction between character and reader. In the great reportage, machismo and patriarchy gain main place in a narrative about domestic violence and femicide, propitiating a text of otherness. Through the discourse analysis of production, the article is based on the sociological concept of alterity, structured by Certeau (2002) and incorporated into journalism by Resende (2002), in the pedagogy of affections (MEDINA, 2006) and in the relationship between subjects I and You, in Embu (1979).

**Keywords:** Otherness. Journalism. Subjectivity. Affections. Domestic violence.

---

<sup>1</sup> Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Email: danifechine@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Sociologia (UFPB/2010). Professora do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Email: margaretea@gmail.com

## Introdução

Foi desde o início da vivência com o jornalismo que comecei, pouco a pouco, a respirar um jornalismo chamado por Lima (2009) de interpretativo e por Moraes (2015) de jornalismo de subjetividade. Concordo com os dois, mas prefiro batizá-lo de jornalismo de escuta, porque nos situamos em uma posição muito mais de ouvinte - e é necessário - do que de portador da fala. Além disso, vai além de uma escuta passiva. A escuta permite a alteridade e isso só pode acontecer se eu estiver aberta ao diálogo. Trago Eliane Brum (2008, p. 37-38) para explicar:

O que as pessoas falam, como dizem o que têm a dizer, que palavras escolhem, que entonação dão ao que falam e em que momentos se calam revelam tanto ou mais delas quanto o conteúdo do que dizem. Escutar de verdade é mais do que ouvir. Escutar abarca a apreensão do ritmo, do tom, da espessura das palavras - e do silêncio. Escutar é também não interromper as pessoas quando elas não falam na velocidade que a gente gostaria ou com a clareza que a gente desejaria e, principalmente, quando elas não dizem o que a gente pensava que diriam [...] Como repórter - e como gente -, eu sempre achei que mais importante do que saber perguntar é saber escutar a resposta.

Trata-se, portanto, de um jornalismo que colhe expressões modernistas, como o realismo social sob influência de Honoré de Balzac e Charles Dickens. Uma maneira de "aplicar ao relato da realidade as técnicas narrativas que empregavam no trabalho de ficção" (LIMA, 2003, p. 11), trazendo marcas da realidade "à semelhança do que faria a reportagem mais tarde" (LIMA, 2009, p. 141). O movimento do realismo social teve maior repercussão na América do Norte e no Brasil do século XX e foi determinante para compor o que hoje é a narrativa jornalística.

No entanto, o estilo seguiu com o advento da pós-modernidade, por volta do início do século XXI. Lima (2009, p. 20-21) aponta que esse jornalismo transcrito por Eliane Brum, Fabiana Moraes, Nana Queiroz - autora do livro *Presos que Menstruam*<sup>3</sup>, entre outros jornalistas, pode ser nomeado de jornalismo interpretativo. Por isso, ganha

---

<sup>3</sup> QUEIROZ, Nana. **Presos que menstruam**. Rio de Janeiro: Record, 2016.

características que ultrapassam as técnicas da pirâmide invertida - técnica que pode ser explicada por João Canavillas (2006)<sup>4</sup>.

São cinco os recursos básicos para corporificar um texto interpretativo: o contexto do fato, para clarear a imagem e o entendimento da cena e do cenário que estão sendo apresentados; os antecedentes, uma forma de revisitar o passado, a história e a origem da problemática; o suporte especializado, buscando fontes que dão embasamento teórico e explicativo à informação, além de testemunhas e a presença de outras pessoas que podem acrescer na produção; a projeção, podendo apresentar uma forma de análise sobre as consequências do fato, fazendo um alcance futuro sobre o tema e, por fim, a realização do perfil, com a presença de personagens que dão sustentação à reportagem, transmitindo "um relato completo dos temas que aborda."

Na busca por esse jornalismo mais humanizado, encontrei a jornalista Fabiana Moraes. Uma mulher de 43 anos, nascida em Pernambuco, na cidade do Recife, que cresceu como uma "produtora de representações" (MORAES, 2017). No Jornal do Commercio fez toda a carreira de jornalista. Hoje ela é professora adjunta do Núcleo de Design e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Campus do Agreste (CAA). Ficou registrada como autora nas páginas dos livros *Os Sertões*, *Nabuco em Pretos e Brancos*, *No País do Racismo Institucional* e *O Nascimento de Joicy*.

Entre tantas reportagens de imersão completa da repórter e, por conseguinte, do leitor, escolhi três que marcaram a minha vida de leitora e de estudante de jornalismo para compor o meu Trabalho de Conclusão de Curso: *O Nascimento de Joicy* (2011), *Casa Grande & Senzala - 80 anos* (2013) e *Ave Maria* (2013), esta última escolhida como objeto de estudo para este artigo.

Em 2013, a reportagem *Ave Maria* ganhou as páginas do Jornal do Commercio em um caderno especial impresso e na versão online, ambas no dia 26 de maio do mesmo ano. A versão impressa apresentou a história de oito mulheres vítimas de violência doméstica e feminicídio em Pernambuco. Ganhou uma diagramação especial e um cuidado com o tratamento dado à noção do divino. Na edição online, houve o

---

<sup>4</sup> Segundo o autor, a técnica da pirâmide invertida caracteriza-se pela utilização da informação primordial do texto no primeiro parágrafo, isto é, o lead, respondendo as seis perguntas básicas para composição da notícia: o que, quem, como, onde, quando e por que. O restante do texto continua a respeitar a ordem de importância das informações.

acréscimo de uma história. Além disso, as mulheres são lembradas também em fotografias, com uma galeria para cada uma delas. E em todas as páginas estão disponíveis vídeos que resumem a história narrada em texto. A versão digital ganhou ainda uma trilha sonora com melodia cercada por violinos, um artigo da pesquisadora Ana Paula Portella e um depoimento de Fabiana Moraes.

Todas as mulheres lembradas na reportagem foram batizadas pelas famílias com o nome de Maria e brutalmente assassinadas por seus maridos, genros ou colegas. Chamadas Maria Aparecida, Maria da Conceição, Maria José, Maria da Penha, Maria das Dores, Maria de Fátima, Maria de Lourdes, Maria do Carmo, Maria do Socorro e Maria Madalena, essas mulheres foram lembradas pelos relatos das famílias e pelas histórias de aparições das santas que fazem alusão aos nomes de cada uma. Mulheres "assassinadas pela convivência familiar e pela convivência do Estado" (MORAES, 2013a). Em um texto reservado para cada Maria, Fabiana conta como os crimes aconteceram e como foram sentidos. São Marias, em sua maioria, negras, pobres e residentes de bairros periféricos do Estado de Pernambuco.

Para tanto, a metodologia do trabalho se define em uma leitura analítica e crítica da construção da reportagem, prevendo pré-produção, produção e conclusão, a partir de três perspectivas: gênero, alteridade e afeto e técnicas utilizadas. Para isso, utilizo algumas contribuições da análise do discurso, buscando a proposição do filósofo Foucault (1999). Segundo o autor, a definição de discurso apresenta-se nas entrelinhas. "O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar" (FOUCAULT, 1999, p. 10). Além disso, foi realizada uma entrevista com a jornalista Fabiana Moraes, no dia 2 de agosto de 2017, através do aplicativo Facebook, utilizando o recurso de conversa de vídeo. Sempre que me referir ao discurso e declarações da jornalista estarei fazendo menção a este momento de apuração do trabalho.

A proposta de trabalho, portanto, se justifica na necessidade de um jornalismo em profundidade, que se coloque de forma equiparada diante do Outro, favorecendo uma troca entre os diálogos. Respeitando a responsabilidade social de informar, o jornalismo apresentado neste trabalho busca uma forma de clarear ainda mais a informação, sem a necessidade obsessiva da objetividade e partindo das vozes dos próprios atores sociais.

## Eu sou o Outro

*Ave Maria* é uma produção jornalística que apresenta fortes representações de um jornalismo de escuta - como já explicado, aquele que vai além de uma audição passiva e compreende o Outro a partir de sua fala e de sua história. Para Fabiana Moraes, um jornalismo em alto grau de profundidade. "O jornalista não poderia transcender essa simples função [...] e recuperar a esquecida faculdade de escutar, base tradicional dos relatos do passado?" (LIMA, 2009, p. 96). No entanto, a reportagem ganhou um formato diferenciado a partir de um estrutura pessoal e ao mesmo tempo coletiva de se portar diante do Outro. Apresenta histórias que acentuam o que Medina (2006) vai chamar de pedagogia dos afetos, tanto voltado para um resultado positivo de afetação, como também negativo. Estamos constantemente sendo afetados pelo que lemos e ouvimos e, nesse caso, pelo que também enxergamos.

O jornalismo é parte marcante e fixa do cotidiano. Segundo Buber (1979, p.16) o lugar que o Outro ocupa é "indispensável para nossa realização existencial." Como Outro podemos entender qualquer indivíduo com quem se fala, de quem se fala ou que simplesmente sobrevive no limbo de uma história contada. E, ainda conforme Buber (p. 48), "o Eu se torna Eu em virtude do Tu", isto é, do Outro, a partir de uma relação dialógica, de troca e compreensão. O Outro, portanto, ganha significados múltiplos, mas apresenta uma necessidade coletiva de ser compreendido e respeitado a partir das suas particularidades.

Na reportagem *Ave Maria*, os atores sociais colocados como Outros são diversos. O especial conta com a presença *in memoriam* de dez mulheres mortas pelos seus maridos, genros e colegas. São agraciadas com o nome Maria e recebem a divindade que em vida jamais foi-lhes ofertada. Além disso, as famílias também são personagens dessa história. Pelo menos três parentes aparecem em cada caso de feminicídio indicado no especial. Desse modo, o Outro apresentado dispõe de muitas conotações, mas se destaca como o Outro vítima da violência contra a mulher, realidade que acontece diariamente e passa despercebida.

De acordo com o 11º Anuário Brasileiro de Segurança Pública<sup>5</sup>, divulgado em outubro de 2017, 4.657 mulheres foram mortas em 2016, o que corresponde a, aproximadamente 12 mulheres assassinadas por dia no Brasil, uma mulher a cada duas horas. O próprio sistema de segurança, em 2016, classificou apenas 533 casos como feminicídio. "*Ave Maria* é quase como uma mesma história contada várias vezes" (MORAES, 2017). As mulheres dessa produção só passam a serem vistas como Outro depois de mortas.

Apresentada essa relação Eu-Tu (BUBER, 1979) no jornalismo - que imediatamente corresponde a um diálogo de reciprocidade - entramos no grande desafio que é encontrar o Outro na sua integralidade, ir ao seu encontro despido de si. Para Guimarães & Lima (2007, p. 154), a dificuldade e, por sua vez, a necessidade, encontra-se em "abandonar o Eu como medida para conhecimento do Outro, descentrá-lo radicalmente, conceder ao Outro a prioridade que até então era concedida ao Eu." Só é possível conhecer o Outro, o personagem, no caso do jornalismo, através da nossa liberdade de escuta, observação, atenção e, por conseguinte, compreensão. É quando saímos do nosso plano para nos doar ao Outro que começamos a compreender realidades.

Falar do Outro, fundamentalmente no jornalismo - que apresenta uma amplificação no seu discurso devido aos meios em que circula e os formatos que se vendem ao público -, é uma forma de alertar para a sua existência, a sua representação enquanto ser ativo de um determinado meio. Segundo Coracini (2003, p. 201-202),

assim como nomear é dar realidade ao objeto, é possível afirmar que falar de um povo ou de um grupo social e até mesmo de um indivíduo é dar-lhes existência, fazê-los serem e acreditarem que são ou que existem.

Certeau (2002) chama de alteridade essa ferramenta fundamental de identificação, reconhecimento e representação, aproveitada pelo jornalismo. Apenas quando conhecemos o lugar em que se encontra o Tu, e entendemos esse espaço como lugar de fala e representatividade, é que o Eu consegue se entregar para uma compreensão em alto grau. No texto jornalístico, a alteridade surge, portanto, não

---

<sup>5</sup> FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 11º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo, 2017. Disponível em: <<http://www.forumseguranca.org.br/atividades/anuario/>>. Acesso em: 31 de out. 2017.

apenas do que está dito, mas principalmente no que não foi escrito, no que o Outro revela com o olhar, com o silêncio, nas entrelinhas. Colocar-se no lugar do Outro é, principalmente, perceber e respeitar a individualidade enquanto jornalista, leitor e personagem. Em entrevista, Fabiana lembra da dificuldade em mergulhar em um mundo em que a saudade e a impunidade eram presenças vivas. Em *Ave Maria*, ela precisou desenterrar algumas histórias através das falas dos personagens, reabrindo feridas. Entender essas mulheres como divinas foi uma oportunidade que encontrou para dar a elas uma posição de alteridade que não tiveram a vida toda. "O trabalho do jornalista não dá conta do mundo, mas o papel mínimo é provocar essa desnaturalização" (MORAES, 2017).

É avaliar até aqui as escolhas realizadas pela jornalista ao produzir e executar a reportagem em análise. Para falar sobre o Outro, ela acolhe no contato físico com o personagem e, posteriormente, no seu texto, as histórias em profundidade contadas através de um diálogo que, na maioria das vezes, escuta muito mais do que pergunta. Chamar de jornalismo humanizado pode ser uma alternativa, mas como a própria jornalista ressalta em entrevista, é preciso muito cuidado para administrar essa palavra.

Eu nunca consegui entender realmente o que é que é chamado de jornalismo humanizado. Me parece, as vezes, uma forma, como também o uso do jornalismo literário, de você contar a história de alguém, trazer a história de alguém, se utilizando da matéria, da entrevista, de contar a história de vida, sem certo rigor, sem certo cuidado. Aí você fala de uma história, geralmente de pessoas muito sofridas, as pessoas aderem muito facilmente porque se emocionam, e você se capitaliza como jornalista que escreveu (MORAES, 2017).

Por isso, podemos substituir alguns termos e propor uma maior liberdade tanto na nomenclatura, que não se faz tão necessária diante da real necessidade de captar e compreender a diferença do Outro, quanto nas formas textuais. Fato é que, para autores como Resende (2009a), Lago (2010) e Medina (1990), o jornalismo de escuta, ou em profundidade, é um passo considerável para representar o Outro em sua integralidade e diferença. "Acreditamos, pois, que é no processo de construção narrativa – nos modos de encenação das notícias – que podemos revelar e avaliar alguns dos mecanismos de produção das diferenças" (RESENDE, 2009a, p. 3).

O diálogo vai possibilitar a expansão da capacidade de compreender melhor o universo que o Outro habita. Para Buber (1979, p. 52), "a alteridade essencial se

instaura somente na relação Eu-Tu" e, portanto, essa apreensão do Outro só pode acontecer a partir de um diálogo compreensivo entre os sujeitos da narrativa, por meio de uma "plena reciprocidade, quando o indivíduo experiencia a relação também 'do lado do outro', sem, contudo, abdicar à especificidade própria" (BUBER, 1979, p. 8).

## **Diálogo dos afetos**

Como uma grande consequência desse jornalismo que busca alteridade e compreensão, a afetação é, pois, o reconhecimento. Ela existe (MEDINA, 2008) quando a comunicação é alcançada por excelência e provoca reações no receptor, isto é, no Outro. No jornalismo, os afetos são fundamentais para atingir sua função social na integralidade, pois são capazes de fazer entender o Outro em sua diferença.

A partir dos estudos de Spinoza (2010), é possível trazer para o presente artigo as noções de afeto, e mostrar como elas surgem e se entrelaçam dentro do jornalismo. Utilizando o conceito do autor:

por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções. Explicando. Assim, quando podemos ser a causa adequada de alguma dessas afecções, por afeto compreendo, então, uma ação; em caso contrário, uma paixão. (SPINOZA, 2010, p.163)

Importante ressaltar, que por afeto não entendemos apenas o sentimento afetivo. Aqui, afeto significa as maneiras como o nosso corpo, a nossa mente e o nossa condição são afetados por fatores que nos circundam. Esses fatores, que podem, inclusive, refratar ou expandir as nossas experiências de ser e estar no mundo, são estabelecidos por Spinoza (2010) como alegria, tristeza e desejo. As modificações causadas entre um corpo e outro - o resultado - são chamadas de afecções. A ação de transformar é o que chamamos de afeto.

Quando falamos em afeto não tratamos apenas de reações positivas, mas sim da ação de ser afetado por algo ou por alguém, seja por atração ou repulsa. Na reportagem aqui apresentada, os afetos são provocados em várias escalas: alegria, tristeza, paixão, medo, desamparo, principalmente por abordar uma temática de forte impacto social.



De alguma forma, todos os indivíduos são afetados pelo mundo que os cerca. Quando falamos em jornalismo, essa afetação é ainda mais direta, tendo em vista que o jornalista escreve sempre sobre um Outro e para um Outro. No entanto, todos têm esse poder da afetação. Seja pelo impacto que o tema provoque, seja pelo conhecimento com o personagem ou com a emoção que o autor transferiu com a sua escrita, todos têm um poder de ser afetado e, por sua vez, afetar.

É a partir dessa sintonia entre entrevistador e entrevistado, passando pelas relações de alteridade e afeto, que Medina (1990) vai estabelecer o diálogo possível, aquele constituído de compreensão e apreensão do Outro, juntamente com um processo de afetação que todo trabalho jornalístico provoca. É um momento de troca e encontro onde o Eu e o Tu sofrem suas modificações, a partir dos afetos que um causa no outro. Medina (1990, p. 7) explica que "alguma coisa aconteceu que os perturbou, fez-se luz em certo conceito ou comportamento, elucidou-se determinada auto-compreensão ou compreensão do mundo. Ou seja, realizou-se o Diálogo Possível."

## **"As mulheres mais respeitadas são as mulheres mortas"**

Contar histórias de mulheres, hoje, tornou-se além de uma necessidade, também um desafio, devido aos embates enfrentados diariamente - entre eles, machismo e uma vida envolta pelo patriarcado. A temática da reportagem é apenas o início de uma discussão que pede urgência. O gênero aqui é entendido enquanto tema, abordagem, mas também como relação entre jornalista e personagem. Para melhor entender, utilizo o conceito de Scott:

O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais”: a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. (SCOTT, 1995, p. 7)

Compartilhando a mesma identidade de gênero de muitas de suas personagens, Fabiana se deparou com questões cotidianas para qualquer mulher, mas esclareceu durante entrevista que essas relações no dia a dia são assimétricas:

Então lógico que mesmo essas questões atravessando o meu cotidiano [...] meu lugar me permite perceber tanto questões das quais eu me aproximo, como meu lugar também me permite perceber o menor distanciamento que havia entre eu e elas. O gênero também pode ser pensado em termos de distanciamento. Mesmo compartilhando o mesmo gênero que algumas delas. (MORAES, 2017)

Fabiana explica que em vários momentos se enquadrava "com tudo isso por ter passado, em diferentes graus, por situações nas quais" também não foi "observada como ser pensante, criativo, com voz" (MORAES, 2017). São questões de gênero diferentes, algumas que perpassam pela vida pessoal da jornalista e têm forte impacto na vida pessoal das personagens, mesmo que sem a interferência direta. "Se a gente foi questionada muitas vezes quanto a nossa inteligência, competência, baixos salários, são questões do feminino, da mulher, mas não são questões do feminino pelas quais elas passam" (MORAES, 2017).

De acordo com a Declaração das Nações Unidas sobre a Eliminação da Violência Sobre Mulheres (2002, p. 3, tradução minha), a violência contra a mulher consiste em qualquer ato de "violência baseado na pertença ao sexo feminino que tenha ou possa ter como resultado o dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico da mulher; inclui-se aqui também a ameaça de tais atos, a coação ou a privação arbitrária de liberdade", sendo, portanto, a violência doméstica aquela praticada dentro do ambiente familiar. No entanto, não foi fácil tipificar esse tipo de violência. Atribuo ao movimento feminista e às ações das próprias mulheres vítimas e compadecidas que lutaram pela injustiça de muitos crimes provocados em nome da honra, moral e família. Todo esse longo processo pela vida, resultou, por exemplo, na Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006)<sup>6</sup>, que busca frear a violência doméstica contra a mulher.

Na prática, as consequências dessa violência vão desde problemas psicológicos e físicos, até a morte de mulheres. Até 2015, as mulheres mortas por seus companheiros, amigos e familiares - como as dez Marias representadas na reportagem de Fabiana - contabilizavam uma estatística sem alarde. A partir de então, o feminicídio (Lei nº 13.104/2015) foi enquadrado no rol de crimes hediondos, através de uma alteração no artigo 121 do Código Penal (Decreto-Lei nº 2.848/1940)<sup>7</sup>. Está previsto na lei, portanto,

---

<sup>6</sup> Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm)

<sup>7</sup> Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Decreto-Lei/Del2848.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Del2848.htm)

que o feminicídio é um homicídio "contra a mulher por razões da condição do sexo feminino."

É nesse contexto que nasce a reportagem *Ave Maria*, repleta de dor e saudade pelas famílias que ficaram para contar a história dessas mulheres assassinadas. Para a jornalista, as pessoas precisavam, de alguma forma, olhar para aquelas mulheres não como mortas, mas como vítimas do machismo. "Nessa abordagem jornalística, não se trabalha exatamente em cima de uma novidade, mas daquilo que está tão exposto que se torna invisível" (MORAES, 2015, p. 186).

Para isso, Fabiana recorreu ao que pudesse chocar pelo estranhamento. Colocou as dez mulheres em uma posição de divindade: como mães, irmãs e filhas. Publicou a reportagem no mês de maio, dedicado à Virgem Maria, e contou, no *Jornal do Comercio*, a história de dez Marias, sendo nove delas com títulos de Nossa Senhora. "Elas representam a triste procissão de mulheres mortas no contexto da violência doméstica, responsável por quase a metade dos homicídios femininos no Brasil" (MORAES, 2013a), escreveu a jornalista no prefácio da reportagem. "É uma maneira de repensar o vácuo entre a importância social concedida à divina Nossa Senhora e às mulheres que, em terra, são assassinadas de maneira banal" (MORAES, 2013a).

Discutir a violência doméstica e, além disso, a violência de gênero é, sem dúvida, ultrapassado. Ultrapassado porque em pleno século XXI ainda lutamos para não precisar mais discutir sobre a morte de mulheres por motivos banais. Ultrapassado porque a violência cometida em casa, proporciona a morte acontecida na rua. Embora o Brasil apresente uma estatística alarmante de 12 mulheres mortas por dia, a violência doméstica e o consequente feminicídio ainda sofre com a naturalização. Ainda na reportagem *Ave Maria*, quatro suspeitos de cometerem crimes de feminicídio estão soltos. Dois deles foram absolvidos pela justiça.

## **Machismo nosso de cada dia**

*Ave Maria* é uma produção, não à toa, revestida do machismo que se manifesta diariamente na sociedade. Situações que são descritas pela jornalista Fabiana Moraes e nos dão sustentação para falar sobre um assunto que é cotidiano e urgente: a permanência do patriarcado, que inibe a participação mais ativa da mulher no mercado

de trabalho e, principalmente, na vida social. Como patriarcado, podemos entender "um sistema social no qual a diferença sexual serve como base da opressão e da subordinação da mulher pelo homem" (PISTICELLI, 2009, p. 132). Em nome dessa ação, o papel da mulher foi sendo cultivado dentro de casa, como a provedora do lar, mãe de todos e dona de casa. Atrelado a sociedade patriarcal, o machismo: atitude consequente da subversão das mulheres diante do que é imposto.

Na grande-reportagem *Ave Maria* não é preciso concluí-la para perceber que as próprias famílias estavam sucumbidas pelo machismo, sendo todos vítimas diárias de uma violência doméstica que não acomete apenas quem sofre a agressão física. Maria Aparecida foi morta com 14 facadas pelo marido em uma de suas idas ao bar. Maria da Conceição, estuprada e assassinada em nome do ciúme. Estava em casa com uma colega, que conseguiu sobreviver, mas vive cercada pelos olhares que culpam: não deveria chegar tarde de uma festa, ainda mais sozinha com outra mulher. Maria das Dores também foi morta a facadas. O marido não teve paciência para a sua depressão. Quando tentou confessar o crime a alguns amigos, disse que tinha dado "uma surra grande na minha mulher" (MORAES, 2013a). Era algo que ele podia compartilhar, afinal a surra ainda estava, para ele e para muitos, dentro daquilo o que um homem pode socialmente submeter a mulher. Maria do Carmo morreu com um tiro de espingarda, também pelo marido. A filha herdou a sina: é vítima de violência doméstica, mas não consegue desvencilhar.

Esses são casos em que o sentimento de posse e propriedade imperam, característica do patriarcado e do machismo, que objetifica a mulher, atribuindo-lhe uma função apenas de subserviência, servidão e entrega. O poder também é outro elemento que aparece em quase todas as motivações atribuídas aos crimes de feminicídio expostos acima. Uma relação que o movimento feminista tenta, há séculos, quebrar.

## **"Respeitar a integralidade das pessoas"**

"Impossível que as questões que atravessam o meu gênero não sejam contaminadas e não contaminem" (MORAES, 2017). A declaração da jornalista representa a troca constante e mútua entre ideologias e vivências que acontece na

reportagem *Ave Maria*: mulheres que, de um jeito ou de outro, escancaram suas vidas para serem escritas em um jornal. A relação pede respeito e alteridade, que é atingida a partir do momento em que Fabiana consegue se projetar nas histórias em que escuta. No entanto, vale destacar que essa projeção acontece em diferentes graus. É preciso dosar a empatia e dar espaço para a liberdade do lugar de fala do Outro e não agir como um interlocutor da vida do personagem.

É muito importante quando a gente percebe que a empatia tem um limite, tem um grau. Acho que em certo momento, várias ciências sociais, antropologia, sociologia e o próprio campo do jornalismo, muitas vezes infla demais a ideia da empatia, do lugar do Outro, para ser o Outro, para sentir o que o Outro sente, e isso não é possível. Tem que ter cuidado com a ideia de empatia porque muitas vezes você nessa pretensão do ser o Outro para poder falar por ele, ser mais fidedigno, você acaba de fato obscurecendo, ficando na frente da pessoa, tomando a voz dela. (MORAES, 2017)

A relação com os personagens, por sua vez, vai sendo diluída no momento da apuração. Nem todas expressas com facilidade. É preciso estar sempre ultrapassando barreiras para estabelecer uma relação de alteridade, afeto e empatia com os personagens. Só assim é possível dar vivacidade e veracidade à história do Outro.

O jornalismo exerce um papel determinante na construção e ampliação da democracia e da cidadania e que sua responsabilidade social, lugar comum dentro dos valores do campo, só pode se concretizar com a incorporação da alteridade como referente (LAGO, 2010, p. 164).

No especial *Ave Maria* a dificuldade maior de Fabiana era estabelecer uma relação com histórias contadas por familiares de mulheres que foram brutalmente assassinadas, isto é, renascer sensações e sentimentos em pessoas que sofreram a morte da filha, da mãe, da irmã. "Colocar-se no meio da vida dos outros, da dor dos outros, dos anseios dos outros tem um custo alto quando estamos impedidos de realizar essa aproximação (por obrigação e por humanidade), envolvidos em uma película protetora" (MORAES, 2015, p. 127).

A aproximação era, como conta Fabiana, muitas vezes delicada, por ela estar apresentando e lembrando novamente o processo da vida e da morte das Marias. "É um trabalho muito pouco glorioso [...] As falas faziam muitas vezes as famílias perceberem

que havia quase uma omissão, uma omissão que é muito comum em qualquer família" (MORAES, 2017). Para entender o campo que estava inserida e não ferir as famílias personagens da reportagem, a jornalista buscou documentos e depoimentos oficiais com as delegacias responsáveis para compor a sua apuração e o seu texto. Dessa forma, embora em um terreno recheado de questões, ela poderia ao menos saber onde pisava e somar às suas pesquisas uma forte observação presencial.

## **"Esse drama que é, afinal, de todos nós"**

Naturalmente, também é sobre afetos que tratamos aqui. Afetos estes que podem ser positivos ou negativos. Um afeto que, de tão forte, afeta continuamente, porque falamos do Outro enquanto ser desimportante, é o desprezo. A própria impunidade presente em todos esses casos é, também, um afeto, porque choca e causa indignação, podendo ser vista, inclusive, através dos comentários publicados nas reportagens, a exemplo:

Descobri essa matéria por acaso e fiquei chocada em relação a tanta crueldade contra as mulheres e Marias de nosso país. Embora sejam dura essa triste realidade, fica difícil de acreditar que isso acontece no dia a dia e o pior de tudo é saber que nem sempre podemos fazer algo para ajudar essas Marias, pois se a Justiça não as protege, como podemos protegê-la. (MORAES, 2013a)

A alteridade tão buscada nessa análise, se vista do âmbito externo, isto é, a partir das fontes que se apresentam, não existe. Não existe por parte da Justiça que não julga os assassinos ou, simplesmente, não os entendem como tal. Não existe por parte dos homens que, cruelmente, assassinaram suas companheiras ou familiares. Não existe por parte de quem ainda culpa a mulher por sua própria morte. Um assunto que, de tão natural, tornou-se normal. E o que está no âmbito da normalidade costuma não nos afetar. "Já faz parte do que instituímos como normalidade, a normalidade que fazemos questão de transmutar em números" (MORAES, 2013a).

O fato de trazer de volta a memória de dez mulheres mortas pelos seus maridos, companheiros e familiares, além de um ato de alteridade constituiu-se, principalmente, como um afeto positivo, ainda que revestido por um invólucro de culpa e tristeza, pois carrega consigo uma carga de visibilização da violência doméstica. A comoção popular

para os crimes, por sua vez, descrita na reportagem *Ave Maria*, também faz parte desse reconhecimento e projeção com o qual estamos discutindo na análise. Um exemplo é a morte de Maria de Fátima, uma das personagens, morta com um facão. "O crime provocou comoção do engenho e na cidade: centenas de pessoas foram ao enterro, a maioria mulheres perplexas com a violência que levou Maria de Fátima. Algumas também com o fato de que a agressão que sofriam em casa poderia se materializar em morte" (MORAES, 2013a).

Para Moraes (2015, p. 230) "essa dose de subjetividade que revela distanciamentos e cotidianos entre quem escreve e quem é tema da escrita é importante para provocar a reflexão do leitor e fazê-lo perceber [...] o ambiente violento e naturalizado."

A escrita surge, portanto, para desnaturalizar a presença de afetos que provocam reações brutais. A afetação provocada por uma reportagem atinge uma mudança que não acontece exatamente na vida das pessoas, mas sim na forma como se olha socialmente para o Outro. A desnaturalização é um processo mais coletivo. "Em *Ave Maria*, a gente busca ver quem são essas mulheres, o que elas gostavam de comer, quem são os filhos delas, o que iam fazer no ano novo, porque só assim a gente consegue se aproximar" (MORAES, 2017).

## Considerações finais

Antes de *Ave Maria* surgir como pauta, Fabiana Moraes produziu, escreveu e editou caderno especial *A Vida é Nelson*<sup>8</sup>, momento em que procurava histórias que de tão absurdas, pareciam ficção. Nesta busca, constantemente caíam em sua mão histórias de violência contra a mulher. "E aí fiquei pensando em tantas histórias sobre mulheres e como isso não era uma conversa. Ou era uma conversa, mas era uma conversa que a gente escapou. Todo dia a gente vê no jornal, então não é uma questão. E eu quis escrever sobre essa banalização" (MORAES, 2017).

A escolha de Fabiana por um texto subjetivo foi para todo o seu percurso jornalístico. Uma escolha, segundo a jornalista, "na qual o ser humano é percebido em

---

<sup>8</sup> MORAES, Fabiana. *A Vida é Nelson*. **Jornal do Commercio**. Recife, 2012. Disponível em: <<http://especiais.ne10.uol.com.br/nelson/index.html>>. Acesso em: 13 out. 2017.

sua integralidade e complexidade, com menos reduções. É, certamente, um caminho para minar clichês e lugares-comuns que tantas vezes só engessam nosso olhar sobre o mundo" (MORAES, 2015, p. 159).

A análise nos mostra que é preciso quebrarmos com algumas rotinas, inclusive as de produção, as de uma redação e, principalmente, as rotinas de notícias. Dessa forma, é possível pensar em um texto livre de enquadramentos e estereótipos jornalísticos, permeado por uma narrativa de subjetividade, de apreensão e compreensão do Outro.

Ao agir de forma apressada e instrumental com o próximo, o repórter termina não trazendo visibilidade a questões que precisam ser discutidas constantemente para serem, então, ultrapassadas, tais como racismo, classismo, homofobia, machismo. (MORAES, 2015, p. 182)

Quando Fabiana Moraes dá nome às vítimas da violência doméstica, ela reacende um assunto que, aparentemente, estava adormecido, mas amanhecia continuamente nas páginas policiais sem que as pessoas se dessem conta do que estava acontecendo. Além disso, ao escolher mulheres com nomes de Maria e constantemente associá-las ao divino, Fabiana retira os leitores do lugar comum para tentar fazê-los enxergar que há vidas com histórias a serem contadas.

No entanto, o que o estudo propôs não foi afirmar que a alteridade no jornalismo só é possível em um jornalismo em profundidade. Pelo contrário, essa é uma atitude de origem pessoal da jornalista e que só acontece diante de uma mudança no olhar do próprio repórter. Ele pode estabelecer uma noção de compreensão e apreensão do Outro sem aprofundar o seu texto ou entregá-lo a uma narrativa *longform*<sup>9</sup>.

O importante, pois, é estabelecer essa conexão entre o Eu e o Tu sem perder o aspecto da afetação que o jornalismo por si só já é capaz de produzir. As narrativas de subjetividade ou profundidade compõem essa apreensão do Outro de uma forma mais dinâmica e com liberdade textual, possibilitando um maior envolvimento entre todos os atores de uma reportagem: repórter, personagem e leitor.

---

<sup>9</sup> Reportagem em grande extensão direta, sendo o texto o elemento principal da narrativa. (LONGUI, QINQUES, 2015).



## Referências

BRUM, Eliane. **O olho da rua**. São Paulo: Globo, 2008.

BUBER, M. **Eu e tu**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

CANAVILLAS, João. **Webjornalismo**: da pirâmide invertida à pirâmide deitada. Covilhã: Livros Labcom, 2006. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2017.

CORACINI, Maria José R. F. A celebração do outro na constituição da identidade. **Revista Organon**, v. 17, n. 35, Rio Grande do Sul, 2003. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/organon/article/view/30024/18620>>. Acesso em: 22 jun. 2017.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1999.

GUIMARÃES, C. & LIMA, C. A ética do documentário: o Rosto e os outros. In: **Revista Contracampo**, Niterói, UFF (2007/2). Disponível em: <<http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/view/356>>. Acesso em: 24 agosto 2017.

LAGO, Cláudia. Ensinamentos antropológicos: a possibilidade de apreensão do Outro no Jornalismo. **Brazilian journalism research**, v. 6, n. 1, São Paulo, 2010. Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/253/252>>. Acesso em: 19 jul. 2017.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri: Manole, 2009.

\_\_\_\_\_. Jornalismo literário: o legado de ontem. In: **Jornalismo literário**: o legado de ontem. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social da Prefeitura do Rio de Janeiro, 2003.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo**: da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus., 2008.

\_\_\_\_\_. **Entrevista**: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 1990.

\_\_\_\_\_. **O signo da relação**: comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Paulus, 2006.

MORAES, Fabiana. Ave Maria. **Jornal do Commercio**. Recife, maio 2013a. Disponível em: <<http://especiais.jconline.ne10.uol.com.br/avemaria/>>. Acesso em: 14 fev. 2017.

\_\_\_\_\_. **Entrevista concedida a Ana Daniella Fechine Leite.** João Pessoa, 2 ago. 2017.

\_\_\_\_\_. **O nascimento de Joicy:** transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015.

PISCITELLI, A. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, H. B.; SZWAKO, J. E. **Diferenças, Igualdade.** São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009.

RESENDE, Fernando. A Narratividade do discurso jornalístico: a questão do outro. **Revista Rumores**, ed. 6, v. 1, São Paulo, 2009a.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. In: **Educação & realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul/dez, 1995.

SPINOZA. **Ética.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.